

HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo

n. 17, n. 2

INTERFACES ENTRE PSICOLOGIA AMBIENTAL E ARQUITETURA: a importância dos ambientes restauradores em escolas para o bem-estar psíquico

Marcos Henrique Lins de OLIVEIRA¹

Pedro Paulo Viana FIGUEIREDO²

Resumo

Neste artigo temos por objetivo explorar como os ambientes restauradores podem contribuir para o bem-estar psíquico dos estudantes – em especial, no que diz respeito ao alívio do estresse e ansiedade a partir da escola. Trata-se de reflexões iniciais a partir de uma pesquisa em andamento, em caráter de Iniciação Científica, realizado na Faculdade de Ciências Humanas Esuda (Recife/PE), que visa compreender o sofrimento psíquico em adolescentes e professores da Rede Municipal de Ensino da Cidade do Recife e qual o papel da Escola em dirimir tal sofrimento. Para tal, almejamos: 1) compreender como a Psicologia Ambiental pode ajudar a compreender o desenvolvimento psíquico a partir da relação pessoa-ambiente; 2) refletir sobre como a Arquitetura contribui para o processo de identificação ou rechaço do ambiente a partir de suas características físicas e simbólicas; e 3) discutir sobre a importância dos ambientes restauradores tendo como exemplo a arquitetura escolar.

Palavras-chave: Ambientes Restauradores; Psicologia Ambiental; Arquitetura; Sofrimento Psíquico; Adolescência

ABSTRACT

¹ Graduando em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Ciências Humanas ESUDA (Recife/PE/Brasil), email para contato: marcoslins.arg@gmail.com

² Doutor em Psicologia Social (PUC/São Paulo/SP/Brasil), docente na Faculdade de Ciências Humanas ESUDA (Recife/PE/Brasil), email para contato: pedro.vfigueiredo@gmail.com

In this article, we aim to explore how restorative environments can contribute to the psychic wellness of students - in particular, with regard to the relief of stress and anxiety in school. These are initial reflections based on ongoing research, as a scientific initiation, carried out at the Faculdade de Ciências Humanas Esuda (Recife/PE), which aims to understand the psychological distress in adolescents and teachers from the Municipal Education Network of the City of Recife and what is the role of school in resolving such suffering. To this end, we aim to: 1) understand how Environmental Psychology can help to understand psychic development from the person-environment relationship; 2) reflect on how Architecture contributes to the process of identifying or rejecting the environment based on its physical and symbolic characteristics; and 3) discuss the importance of restorative environments, taking school architecture as an example.

Keywords: Restorative Environments; Environmental Psychology; Architecture; Psychic Suffering; Adolescence

Introdução

A Psicologia Ambiental tem como campo de pesquisa e intervenção a compreensão da inter-relação entre pessoa e ambiente e, desde sua origem, busca fazê-la de modo interdisciplinar (ELALI, 1997; MOSER, 1998, 2005). Torna-se importante a compreensão dessa inter-relação a partir de sua complexidade, uma vez que os estudos em Psicologia Ambiental tem por interesse, justamente, a influência mútua entre pessoa e ambiente e como diferentes disciplinas (Psicologia, Arquitetura, Design, Sociologia, Geografia Humana, Antropologia etc.) podem contribuir para compreender, analisar e intervir seja no contexto, seja na subjetividade.

É importante delimitar que o que aqui estamos conceituando como *ambiente*, refere-se tanto a seus aspectos físicos (se o ambiente é construído ou é “natural”³), quanto a seus aspectos sociais (o contexto sócio-histórico que nos encontramos influencia a maneira como nos relacionamos com os ambientes⁴). Assim sendo,

³ Por “natural”, estamos compreendendo os ambientes com o mínimo de intervenção humana como, por exemplo, um bosque, uma floresta, trechos de litoral ainda não urbanizados etc.

⁴ Como exemplo, podemos comparar o comportamento de jovens na praia na última década com o comportamento dos mesmos algumas décadas atrás: houve mudanças significativas desde a vestimenta utilizada para o banho de mar, até o que as pessoas fazem na areia e que expectativas de comportamento são esperadas (e rechaçadas) que ali aconteçam. Nesse sentido, conferir os estudos de Erving Goffman (1966, 1971, 2009[1985]) sobre comportamento em espaços públicos, que embasam e endossam o argumento que queremos construir aqui.

diferentes disciplinas vão almejar atuar de modos distintos nos estudos e intervenções sobre o ambiente (ELALI, 1997; ORNSTEIN, 2005; GÜNTHER, PINHEIRO e GUZZO, 2004). Enquanto Psicologia Ambiental, a pessoa em seu contexto se torna o foco de nossa preocupação – ou seja, nos interessa analisar como cada pessoa avalia e percebe seu ambiente e, conseqüentemente, como é influenciado pelo mesmo (MOSER, 1998). A Arquitetura⁵ e o Urbanismo, por sua vez, nos ajudam a compreender como os micro e macroambientes em que vivemos cotidianamente influenciam nosso comportamento e que intervenções podem ser feitas para melhorar essa inter-relação.

A partir da interdisciplinaridade possível entre Psicologia Ambiental e Arquitetura (ELALI, 1997; MOSER, 2005; ORNSTEIN, 2005), nesse artigo nós trataremos reflexões iniciais sobre como a Arquitetura pode aliar-se com a Psicologia Ambiental na compreensão de um fenômeno específico: as escolas como promotoras de redução de estresse e ansiedade a partir dos ambientes restauradores. Para tal, estamos desenvolvendo uma pesquisa, em caráter de Iniciação Científica na Faculdade de Ciências Humanas Esuda (Recife/PE), que visa, de maneira geral, compreender o sofrimento psíquico presente em estudantes de Escolas da Rede Municipal da Cidade do Recife e qual o papel da Escola em dirimir esse sofrimento.

Estudos recentes discutem sobre os desafios da Psicologia no contexto da Escola no período durante e de pós-isolamento da pandemia de COVID-19 (GUZZO, SOUZA e FERREIRA, 2022; MARINHO-ARAÚJO, GALVÃO, NUNES e NUNES, 2022; SANT'ANA, WEBER e MEZZALIRA, 2022; NEGREIROS e FERREIRA, 2021), no qual destacamos como a precariedade de acesso à internet e a falta de oferta de atividades escolares para estudantes de escolas públicas em comparação às escolas particulares (NERI e OSÓRIO, 2022), evidenciam a desigualdade social e como ela afeta o processo de desenvolvimento, ensino e aprendizagem, gerando exclusão educacional.

Nesse sentido, em relação ao caráter específico da interdisciplinaridade, almejamos compreender se o ambiente da Escola e a socialização provocada pela mesma, em especial no período pós-isolamento da pandemia⁶, tem atuado como

⁵ É importante mencionar que na Inglaterra e nos países nórdicos, a Psicologia Ambiental é constituída a partir de demandas de arquitetos/as (MOSER, 1998)

⁶ Estamos delimitando esse período como sendo de março de 2020 a julho de 2021, dos quais não houve aulas presenciais nas escolas da Rede Municipal da Cidade do Recife por conta da pandemia de COVID-19

promotor de bem-estar ou se tem provocado sofrimento psíquico em seu corpo discente e docente. Para tal, teremos como norte a reflexão sobre como as interações vividas em alguns ambientes da escola (sala de aula, biblioteca, pátio, corredores etc.) podem transformá-los em ambientes restauradores (ULRICH, 1984; KAPLAN e KAPLAN, 1989), provocando diminuição de estresse e promovendo bem-estar.

Uma vez que o retorno às aulas pós-isolamento tem ainda repercussões inesperadas em relação ao processo de ensino-aprendizagem, é importante destacar que um dos pontos importantes para nossa pesquisa é que a volta às aulas presenciais, ao menos em tese, acontece em ambiente específico e pensado para tal – ao invés de situações de improviso, como já nos foi relatado em questionário inicial realizado com estudantes, tais como recursos tecnológicos precários e as aulas serem assistidas em ambientes inadequados para a aprendizagem. Por outro lado, almejamos refletir também se a Escola tem sido um ambiente pensado para promover bem-estar a partir de seus aspectos arquitetônicos e físicos e como os/as estudantes percebem (e se percebem) essa relação.

A relação entre Arquitetura e Psicologia Ambiental

Ao observar uma sociedade, um dos principais elementos estudados para compreensão da mesma é a sua arquitetura: quais metodologias construtivas são utilizadas, que traçados estão presentes em suas expressões arquitetônicas e a linguagem comunicativa presente nas edificações. Assim, é possível afirmar que a arquitetura diz muito sobre um povo, seus costumes, seus hábitos, sua identidade e que tensões podem existir nos diferentes modos de habitar. Como afirma Botton (2006), nossas identidades estão associadas ao lugar em que vivemos de maneira inequívoca e, ao mesmo tempo, são moldadas e transformada por ele. Do mesmo modo que a nossa vida cotidiana é apresentada como uma realidade da qual nos apropriamos subjetivamente para atribuir sentido à mesma (BERGER e LUCKMANN, 1990), as construções nos oferecem valores culturais materializados tanto em fachadas, portões, portas, paredes, cômodos, telhados etc. como nas sociabilidades exercidas a partir das mesmas.

Ainda é possível analisar que em diferentes localizações do globo as expressões arquitetônicas diferem e se assemelham em inúmeros pontos, mas há a constante da representação do modo de vida dos habitantes do local no qual é construída. Aqui nos referimos ao aspecto macrossocial e compreendemos que, embora possa representar a maioria, ainda assim não representaria jamais a totalidade dos cidadãos ali viventes, pelo fato de que cada pessoa possui sua personalidade, particularidades e divergências sociais. Tendo como ponto de partida que, ao analisar o macro, a arquitetura representa uma sociedade e seus costumes, podemos dialogar que, no micro, a arquitetura e suas expressões também podem expressar um único indivíduo e sua personalidade; de similar modo ao qual uma tela pode representar a subjetividade do pintor, uma sala ou um quarto pode representar a personalidade de um morador (BOTTON, 2006; COOPER, 1974; COSSERMELI, 1999).

Josef Breuer (*apud* HUSKINSON, 2021) afirmava que é comum que as pessoas usem da arquitetura como figura ilustrativa para representar e até mesmo explicar suas mentes. Como argumenta Huskinson (2021, p. 169): “[...] as características arquitetônicas são registros de nós mesmos que, quando lidos, nos abrem novas perspectivas e capacidades de repensar e reimaginar a nós mesmos.” Nesse sentido, Breuer desenvolveu a chamada “casa da psique”, que se desenvolve de maneira vertical, sendo constituída por dois pavimentos, promovendo um bem localizado e iluminado, representando as áreas conscientes da mente, e outro escuro, similar a um porão, o qual ele considera como as áreas inconscientes da mente. De similar modo, Sigmund Freud, criador da Psicanálise, desenvolveu também uma ideia de espaço arquitetônico representativo da psique humana, de modo mais horizontal, e com mais praticidades de acessos aos recintos da psique (HUSKINSON, 2021; cf. LEITÃO, 2012). Para mais, Huskinson (2021, p. 220) afirma que “o caráter de nossos ambientes construídos é vital para o nosso bem-estar porque nossa identidade pessoal é amplamente moldada por nossas identificações inconscientes com eles”.

Ao aprofundarmo-nos na literatura em busca da compreensão sobre a interrelação entre a Arquitetura e a Psicologia, podemos citar a casa de Carl Gustav Jung, psiquiatra suíço, nas quais de maneira similar a Freud e Breuer, desenvolve uma interpretação da psique por meio da organização espacial da planta da casa.

No entanto, diferente deles que se restringiram a elaboração do conceito, Jung de fato construiu esses espaços, os quais passaram por reformas, tanto de ampliação como de redução, assim acompanhando o reconhecimento e integração de diferentes aspectos da personalidade do mesmo. Sobre sua casa⁷, afirma Silveira (1989):

A ampla torre, com a sua lareira, representava "o maternal", a segunda torre, onde ninguém entrava sem sua permissão, lugar de retiro e de meditação rerepresentava "o espiritual" [...] ele se apercebeu que essas diferentes partes, construídas com vários anos de permeio, constituíam um conjunto significativo, um símbolo da totalidade psíquica (p. 21)

Como afirma Huskinson (2021) “[...] os modelos da psique fornecem *insights* sobre o potencial evocativo de características específicas de nossos ambientes construídos e a relação delas com várias necessidades da psique, e a maneira como se expressão para nós.” (p. 43).

No que diz respeito à personalidade, o ambiente exerce uma interação dinâmica de modo que sustenta o desenvolvimento da pessoa seja em aspectos de sua identidade desde a mais tenra idade (PROSHANSKY et al., 1983), seja como representação da mesma (HUSKINSON, 2021). Vale destacar que, na modernidade, nós temos vivido cada vez mais reclusos em espaços fechados, como apartamentos e escritórios comerciais, o que por sua vez tem reduzido o contato com a natureza e a interação social. Os impactos disso foram evidenciados em especial na pandemia do Covid-19, no período de 2020 a 2021, que em virtude do isolamento social trouxeram à tona o debate sobre a necessidade humana de estar em contato com a natureza e a interação com outras pessoas.

De modo geral as edificações, em que destacamos as que temos maior interação em nosso cotidiano, configuram nossa identidade (PROSHANSKY et al., 1983), podendo evocar diferentes sensações ao usufruir do espaço, de modo que emoções e reações podem ser evocadas ou reprimidas como consequência do local – como a exemplo da claustrofobia, ou da sensação de conforto e acolhimento, as quais por sua vez, similar a um efeito dominó, podem trazer à tona outras reações e sensações. Para melhor exemplificação, podemos sugerir um experimento simples na residência do/a leitor/a: olhando a mobília e a disposição de objetos do ambiente

⁷ Conferir Huskinson (2021) para uma descrição mais ampla sobre a construção da casa de Jung bem como fotos e diagramas ilustrativos dela, conhecida como “A casa de Bollingen”.

ao seu redor, você acredita que pequenas mudanças de *layout*, ou até mesmo da coloração das paredes e mobiliário, poderia te fazer experienciar diferentes sensações de conforto ou desconforto nesse espaço? Sugerimos ainda um outro experimento, caso o/a leitor/a responda negativamente acima: em seu buscador de preferência, procure fotos da casa do famoso cantor brasileiro Oswaldo Montenegro. Você se sentiria confortável nessa residência? No entanto, é importante destacar que embora pareça superficial, a constante presença de determinadas sensações pode por sua vez levar a uma situação de relaxamento ou estresse, desencadeando diferentes impactos em seu/sua morador/a ou visitante.

Além disso, conforme Scruton (*apud* HUSKINSON, 2021) afirma, a arquitetura é percebida imaginativamente a partir das experiências anteriores do indivíduo, que por sua vez lança-as sobre o que vê e reflete para si uma interpretação completamente livre, explodindo todos os limites racionais que possa haver, e dando ao mesmo significados únicos⁸. Desde modo, podemos desenvolver que de modo semelhante se dá a interpretação de um espaço público ou não, podendo de maneira intimista evocar no usuário diário de uma sala de estar determinada emoção, que pode ser completamente diferente da experiência de um visitante, que possua outras histórias e vivências, e conseqüentemente outras impressões e reflexões sobre o espaço⁹.

Tomando partido da teoria de Andrew Ballantyne (*apud* HUSKINSON, 2021), o qual argumenta que o espaço ao qual chamamos comumente de “lar” faz parte do nosso processo de desenvolvimento, o que costumeiramente gera no usuário a sensação de pertencimento e identificação do local como uma parte de sua história. Discussão também inaugurada por Proshansky et al. (1983), ao elaborarem o conceito de “identidade de lugar” para se referir a uma parte de nossa identidade construída a partir de nossa interação com os ambientes desde nossa infância, sendo inseparável da própria construção de nossos *selves*. Além disso, como já argumentado previamente, a correlação entre a arquitetura e a pessoa é um

⁸ No que diz respeito a esse modo de perceber como o comportamento é variável a partir do ambiente, da experiência e atribuição de significados, temos as elaborações seminais de Kurt Lewin (1973).

⁹ A título de exemplo, em disciplina interdisciplinar sobre Subjetividade e Ambiente, ministrada por um dos autores para os cursos de Psicologia e Arquitetura, uma das atividades consiste em entrevistar moradores/as e registrar fotos a fim de discutir sobre a apropriação ou não dos/as mesmos/as com suas residências. Ficou marcado uma residência registrada nessa atividade, que era inteiramente pintada de rosa (paredes exteriores, paredes e tetos interiores, boa parte da mobília de mesma cor), cuja moradora falava com alegria e orgulho sobre a mesma, mas a dupla de estudantes que a entrevistou relatou sentirem-se nauseados nesse ambiente.

processo que marca nosso desenvolvimento, personalidade e identidade, de modo que a casa pode acabar por externalizar o mais íntimo do seu morador. Podemos citar casos de pessoas com algum transtorno mental, cujas casas apresentam características de seus transtornos, seja por meio da desorganização (ou superorganização) de mobiliários, itens pessoais e afins, ou até mesmo pela degradação da estrutura, podendo ser provocada ou involuntária¹⁰. Porém, como argumenta Zonis (2019), há também os traumas e conflitos psíquicos dos/as moradores/as que se fazem presentes em um processo de reforma ou construção de uma casa, independentemente de haver algum transtorno envolvido.

Cabe ainda mencionar que essa expressão espacial de aspectos psicológicos, não é fixa e pode não ser constante, uma vez que a mesma se transforma no decorrer de sua vida, por meio de experiências vivenciadas, traumas e afins, além da própria noção de moradia e o estar “em casa” não serem fixas e estanques (LIMA e YASUI, 2014; HUSKINSON, 2021). Desse modo, podemos dizer que diante das constantes mudanças psicológicas do morador, a casa se transforma, mas nunca deixa de ser uma representação da personalidade daqueles que a habitam. Zonis (2019) argumenta que os/as arquitetos trabalhariam, nesse sentido, a partir de uma “quarta dimensão” do espaço:

Mais que instrumento para a realização de um desejo ou objeto de consumo a ser devorado, o arquiteto pode tornar-se interlocutor de um diálogo em que projeções vêm à tona e realizações extravasam a barreira de superegos por anos construídos. Assim como obras de arte revelam o oculto, a arquitetura pode dar sentido a esse vazio cheio de segredos do eu que a ocupa. (p. 12)

Tomando tal narrativa como um alicerce, podemos debater que as influências não se dão apenas de maneira inconsciente, mas também podem evocar no sujeito o pensamento onírico, que se refere à capacidade de pensar e autorrefletir, uma vez que estes, como anteriormente mencionado, possuem a capacidade de evocar sensações e lembranças e levam seu usuário a refletir sobre tais emoções e lembranças, tal como argumenta Bollas ao discorrer que inconsciente e ego estão ligados pela memória, mais especificamente os registros de experiências (*apud* Huskinson, p. 157), de maneira a intensificar os objetos percebidos e dando expressão ao *Self*. Argumento semelhante é desenvolvido por Leitão (2012), ao

¹⁰ Nesse sentido, conferir a representação de transtornos psíquicos a partir de casas do arquiteto e designer gráfico Frederico Babina na série Archiatric (<https://federicobabina.com/ARCHIATRIC>)

refletir sobre a Arquitetura como uma articulação simbólica e, portanto, uma manifestação particular do inconsciente.

Vale destacar que é comum que este evento ocorra e que não seja diretamente relacionado à arquitetura do espaço, e muitos podem definir como apenas uma “lembrança” que determinada característica do espaço, ou algum mobiliário o trouxe à memória. No entanto, esse contato vai muito além de uma mera recordação evocada por um recurso visual, pois ao observar o contexto do espaço é possível analisar como percepção deste depende, entre outras coisas, do próprio estado subjetivo do/a percebedor/a. Além disso, depende também da liberdade que existe no espaço para vivenciá-lo. Como argumenta Huskinson (2021), o espaço onde é possível vaguear com a mente sem restrições ou preocupações torna o indivíduo mais receptivo aos significados evocados pelo ambiente. É digno de nota ainda que na interface entre pessoa e ambiente – mais notadamente, a observação do comportamento como sendo uma “função do indivíduo no ambiente” –, temos o conceito de espaço vital em Kurt Lewin (1973), que afirmava que todo e qualquer evento psicológico depende da pessoa e do ambiente.

De mais a mais, os espaços com maior poder evocativo emocional, segundo Lynch (*apud* HUSKINSON, 2021), são aqueles que possuem vividez e surpresa, de maneira que ativem tanto às memórias inconscientes e as conscientes, como transcreve Huskinson (2021)

“[...] Assim, o edifício, afirma ele [Lynch], provocará ‘novos impactos sensoriais’ em uma pessoa apenas se confundir ou desnortear. Essas confusões sutis contribuirão para a imagem ‘distinta’ e ‘vívida’ do edifício e permitirão que o ‘significado se desenvolva sem a nossa orientação direta’ [...] (p. 149)”

Ainda conforme a autora, os ambientes construídos das paisagens urbanas são mais evocativos por prenderem a atenção em um nível mais profundo, quando comparado ao efeito da percepção literal, de maneira que o indivíduo se envolve e o processo criativo é posto em movimento. De modo semelhante, Jang (*apud* HUSKINSON, 2021) afirma que “o evento arquitetônico desperta maiores possibilidades para mim e me leva a uma concepção mais objetiva de mim mesma do que a totalidade de minhas experiências” (p. 177). A partir disso, podemos caminhar em direção à ideia de que a vivência da Arquitetura está diretamente ligada não apenas com as nossas relações com o espaço, mas também pode influenciar nossa visão de mundo e compreensão de nós mesmos.

A impressão experienciada em um determinado espaço nem sempre será compreendida, podendo haver a sensação de estranhamento, que se dá em virtude de um período em que experimentamos a presença de algo ou antecipamos que algo está prestes a acontecer, no entanto não podemos compreender cognitivamente o que é esse algo (HUSKINSON, 2021). Ainda nos é válido trazer a definição do estranho (*Unheimliche*) para Freud, que seria “[...] o encontro de uma pessoa com conteúdos inconscientes (várias experiências, sentimentos, memórias, desejos ou ideias) que certa vez ela conseguiu repudiar, mas que desde então ressurgiram, causando surpresa, muitas vezes desagradável” (HUSKINSON, 2021, p.179).

Partindo dessa compreensão, podemos afirmar que nossas interações com o ambiente se dão não apenas pelas impressões momentâneas dele, mas também pelo histórico individual de cada pessoa, de maneira que diferentes elementos e características de um ambiente podem exercer distintas influências e ser atribuídos diferentes significados (LEWIN, 1973; HUSKINSON, 2021). Dessa forma, surge a relação entre a agradabilidade de um espaço e o estranhamento, que se dá em detrimento às experiências passadas e, segundo Freud, a relação de repressão de conteúdos inconscientes e o “retorno do reprimido”¹¹. Tal relação com o estranhamento pode ser enriquecedora, uma vez que nos proporciona a ampliação de atitudes e abordagens para com a vida. Assim sendo, a relação com o estranho funciona como uma provocação que pode evocar no indivíduo uma mudança de perspectiva.

Tomando este entendimento como a base para nossa discussão, podemos afirmar que “sentimentos estranhos são, portanto, indicadores úteis de nossas identificações com a arquitetura, marcando os momentos de nossa fusão psicológica com ela.” (HUSKINSON, 2021, p.180). Desse modo, a relação entre Arquitetura e a psique vai muito além de meras impressões sobre o espaço, mas adentra na fusão entre espaço-usuário, de tal modo que em determinadas situações, o espaço funciona como uma extensão da pessoa por meio de suas vivências passadas e identificações, ou em outros casos pode se dar de modo oposto, sendo este a sensação de repulsa, de afastamento para com o ambiente.

¹¹ Há aqui uma simplificação do argumento freudiano para fins práticos. Para uma discussão sobre o estranhamento em Freud, conferir Soares (2019).

No entanto, diante de tais fatos, falhamos ao deixar de lado as consequências sensoriais, assim chamemo-las, e priorizarmos a forma, a geometria e especialmente o rasgo no plano vertical, quase que desafiando a engenharia com construções cada vez mais altas, como critica o psicólogo James Hillman (1993). A produção de arquitetura cada vez mais focou no lado comercial de vendas e friamente deixou para trás a produção para a pessoa que a ocupará, não mais se importando com as sensibilidades estéticas, necessidades humanas como o contato com meio natural, e isolando-o cada vez mais em um mar de concreto e aço, findando assim em uma arquitetura genérica (HILLMAN, 1993; BOTTON, 2006).

Desse modo, surge o questionamento de onde fica a personalidade e como alguém pode se relacionar e se projetar em uma residência ou em um ambiente construído para uso público, se tal espaço não foi projetado para ela, mas sim para venda genérica (no caso de ambientes residenciais) ou para atender a normas de construção (no caso das escolas). Ainda, podemos dizer que diante do não reconhecimento com o espaço, o indivíduo pode desenvolver a impressão de que determinado espaço é feio, conforme afirma Hillman (1993), de tal modo que se sinta perturbado ou incomodado, podendo desta forma o próprio ambiente construído contribuir para acentuação de sofrimento psíquico (FELIPPE, 2009)

Diante dos argumentos apresentados, podemos concluir que a relação do indivíduo com a arquitetura do ambiente se dá em uma dinâmica oscilante entre a análise entre a novidade, o nunca visto antes, com o previamente conhecido por meio de experiências passadas, como descreve Horowitz (*apud* HUSKINSON, 2021):

“Sempre que chegamos a um novo local, primeiro comparamos o que vemos, ouvimos, sentimos com várias representações armazenadas de mapas/lugares previamente construídos em que estivemos. Se houver correspondência, ignoramos o que vemos, a menos que algo surpreendente, incomum, novo, suja, e vagamos com confiança.” (p. 205).

No mesmo sentido, Hillman (1993) afirma que nós notamos um objeto, diferentemente de apenas o ver, quando possuímos certa proximidade com o mesmo por meio de nossas experiências, assim contribuindo para que as nossas percepções do espaço, bem como nossa expressão emocional diante dele, seja dada de modo similar a uma sobreposição de experiência – tal qual folhas de papel manteiga, com diferentes traços que, sobrepostos, formam uma figura única. No entanto, é válido destacar que a capacidade imaginativa, a qual favorece a dinâmica

entre impressões passadas e presentes, e a leitura lúdica do espaço vivenciado, tende a decrescer a medida que o indivíduo envelhece, de tal modo que a infância é a fase de mais amplo contato com a “surpresa”, uma vez que ainda não descobriram o significado do “desinteressante” e “interessante” (HUSKINSON, 2021).

Para que se formem as impressões sobre o espaço, além dos pontos anteriormente abordados, também podemos trazer o mais importante, senão o mais óbvio, que é a necessidade de andar pelo espaço para melhor o compreender. Segundo Huskinson (2021):

“Os edifícios são mais evocativos quando nos levam a nos movimentarmos. Nosso olhar sedentário frequentemente perceberá um edifício como uma imagem abrangente e singular, mas nosso movimento corporal em relação ao edifício estimulará a flexão de suas formas.” (p. 210)

Desse modo, o simples ato de transitar por um espaço, seja ele interno ou externo, estimula o processo de concepção das impressões sobre o mesmo, sendo este um importante ponto para produção da Arquitetura, uma vez que o desejo do/a arquiteto/a seja de que a edificação seja percebida e marcada na memória de quem a vê.

No entanto, além das impressões sobre o ambiente em si, o ato do caminhar também gera no indivíduo a estimulação do pensamento inconsciente, promovendo o autoconhecimento (HUSKINSON, 2021). Vale ainda destacar que tal movimentação no espaço, por mais que se tente prever ou até mesmo ditar, por meio de placas ou caminhos delimitados, tende a sempre ser vivenciada de diferentes modos, ritmos e pontos de vista, uma vez que cada pessoa terá uma diferente relação com os elementos ali presentes, o que por sua vez irá gerar resultados imaginativos e leituras distintas de um mesmo local, dando assim a pluralidade de impressões que a arquitetura emana. Nesse sentido, concordamos com Huskinson (2021) ao dialogar que o projeto deve facilitar o processo de desenvolvimento do *Self* e que incentiva a percepção imaginativa das características, atraindo a atenção, tanto consciente como inconsciente, do usuário, configurando assim uma arquitetura evocativa.

Nesse sentido, buscaremos argumentar que a Arquitetura Escolar, a partir do desenvolvimento de ambientes restauradores que atendam às necessidades locais de seus/suas estudantes, podem configurar uma intervenção importante para o desenvolvimento psíquico das crianças a partir da Escola, uma vez que há a

necessidade de espaços adequados para que tal desenvolvimento ocorra com qualidade (RAYMUNDO e KUHNNEN, 2009) Além disso, pode ter um impacto positivo para amenizar possíveis sofrimentos psíquicos que se façam presentes pelos estudantes no ambiente escolar, lembrando que essa também tem por função ser um ambiente acolhedor (MELO, 2019; BATISTA, 2022).

Os Ambientes Restauradores na Escola

Diante da compreensão a respeito da relação entre Arquitetura e Psicologia, de como a Arquitetura impacta e tem influência em nossas psiques, e em como a mesma pode interferir na relação com o meio, escolhemos os ambientes restauradores como conceito chave para refletir sobre sofrimento psíquico na Escola e em como a Arquitetura escolar pode dirimi-lo. Para tal, nessa seção sobre a origem do mesmo e como estes ambientes podem estar presentes na Escola.

As discussões sobre Ambientes Restauradores, no campo da Psicologia Ambiental, surgem a partir de duas marcantes teorias: a Teoria da Restauração da Atenção (KAPLAN e KAPLAN, 1989) e a Teoria Psicoevolucionista para a Restauração Psicofisiológica a partir do Estresse (ULRICH, 1984). Seus autores/as, partindo dos estudos pessoa-ambiente, formulam teorias que interligam fenômenos psicológicos, como o desgaste da atenção, estresse e fadiga, com a formação espacial do ambiente no qual uma pessoa está inserida.

Em ambas as teorias, se afirma que o ambiente natural é de fundamental importância para o bem-estar, sendo ele um dos componentes a garantir a restauração mental diante de situações de estresse e saúde física diante de quadros de doença (FELIPPE e SILVEIRA, 2019). Comumente as pessoas preferem espaços em que seja possível observar aspectos naturais, associando a eles uma maior chance de restauração (LINDAL & HARTIG, 2013; ROE & ASPINALL, 2011; ULRICH *et al*, 1991). Esta preferência pode ser observada de modo frequente na sociedade, uma vez que comumente, em momentos de estresse e desgaste emocional, um dos primeiros desejos é o de ir a um parque, uma praça, praia ou outro espaço natural. Buscamos o contato com a natureza como meio de relaxar e reconquistar a tranquilidade em momentos de crise. Os ambientes urbanos, nos quais o concreto predomina no campo de visão, possuem menos impacto restaurador (HARTIG & STAARS, 2006). No entanto, também é possível que

ambientes construídos pela ação humana possuam impactos positivos e efeito restaurador, mas para tal influência, faz-se necessário que estes promovam “alterações psicológicas e fisiológicas positivas, culminando dessa forma na recuperação de recursos pessoais mobilizados” (SILVEIRA, FELLIPE, SCHÜTZ, 2019, p. 10).

Diante das demandas cotidianas, é natural que a atenção se desgaste, uma vez que não se trata de um recurso infundo, mas de um processo que se dá por meio do foco a estímulos relevantes à pessoa, selecionando alguns estímulos e ignorando outros (SILVEIRA, FELLIPE, SCHÜTZ, 2019). Para William James (1952[1890]), cujo estudo pioneiro sobre a atenção tem impacto sobre as teorias acima mencionadas, a atenção pode ser dividida em (a) Voluntária, que trata-se do esforço em manter a atenção em determinado evento ou objeto e, (b) Involuntária, que refere-se àquela cativada de maneira espontânea e sem a necessidade de esforço.

Entendendo o estresse como “um conjunto de reações frente a eventos ou situações percebidos pela pessoa como uma ameaça ao seu bem-estar” (SILVEIRA, FELLIPE, SCHÜTZ, 2019, p. 16), é possível destrinchar que existem dois tipos de estresse que podem ser gerados por meio da relação com o meio, sendo eles: (a) Estresse Psicológico, que segundo Ulrich *et al.* (1991), pode ser caracterizado por reações afetivas, cognitivas e comportamentais, que respectivamente referem-se a sentimentos negativos como a ansiedade e o medo, elaborações em torno de situações estressoras, e por fim, ações de evitação; e (b), Estresse Fisiológico, que pode ser entendido como reações no sistema nervoso central, sistema nervoso autônomo e sistema endócrino podendo envolver reações dos aparelhos musculoesqueléticos, cardiorrespiratório e glandular (SILVEIRA, FELLIPE, SCHÜTZ, 2019). Diante da constante situação de estresse, ou desgastante evitação ao estresse, pode haver o desenvolvimento da fadiga.

Para Rachel Kaplan e Estephen Kaplan (1989 *apud* SILVEIRA, FELLIPE, SCHÜTZ, 2019) na Teoria da Restauração da Atenção, o ambiente pode contribuir positivamente e negativamente para o processo de desgaste e restauro da atenção. Com fortes influência dos conceitos de Atenção Voluntária e Involuntária de William James, argumenta que a partir do momento que o indivíduo apresenta fadiga mental, ocasionada diante do desgaste das demandas cotidianas, o meio natural gera influências positivas para a recuperação da atenção.

Para isso, quatro pontos básicos devem ser gerados diante da relação com o ambiente, sendo eles: (a) o *Afastamento*, no qual o indivíduo se percebe longe de situações e contextos demandantes de sua atenção, desfrutando da possibilidade de descansar (KAPLAN, 1995); (b) a *Fascinação*, que por sua vez cativa a atenção sem necessariamente demandar esforço, por meio da atração ao objeto não dependente da vontade voluntária; (c) a *Extensão*, sendo este um espaço em que o indivíduo, por meio da identificação com o ambiente, se projeta sobre ele e o ambiente se projeta sobre o indivíduo, de tal modo que sua troca gera a sensação de pertencimento, oferecendo uma atividade de contemplação por tempo suficiente, a alcance de gerar organização; e por fim, (d) a *Compatibilidade*, que refere-se à característica do ambiente moldar-se à necessidade do indivíduo, atendendo à subjetividade do mesmo e sua compreensão do que, para si, há de ser um ambiente restaurador (SILVEIRA, FELLIPE, SCHÜTZ, 2019).

Para Ulrich (1984), segundo a Teoria Psicoevolucionista para a Restauração Psicofisiológica a partir do Estresse, as características do ambiente, por meio da percepção visual e estética, podem exercer efeitos sobre o sistema psicofisiológico, argumentando que determinados tipos de configurações ambientais possam proporcionar a recuperação do indivíduo (SILVEIRA, FELLIPE, SCHÜTZ, 2019). A exemplo disto, observou o processo recuperatório de pacientes no pós-operatório e notou que, de forma simplificada, pacientes que possuíam janelas com vista a um espaço natural possuíam significativa celeridade na recuperação e maiores índices de melhora pós-operatória; no entanto, pacientes que possuíam em suas janelas vistas para o meio urbano, não apresentavam os mesmos índices que os primeiros. Nesse sentido, o livro *Ambientes Restauradores: Conceitos e Pesquisas em Contextos de Saúde* (2019), organizado pelas pesquisadoras da UFSC Bettieli Barboza da Silveira e Maíra Longhinotti Felipe, tem nos servido de base para refletir a relação entre Ambientes Restauradores e promoção de bem-estar.

De modo geral, diversos ambientes são projetados de modo que não contemplam as necessidades para o desenvolvimento humano, e aqui nos interessa em particular o ambiente escolar, dado a sua importância para o desenvolvimento psíquico (SILVA e SILVA, 2019; ELALI, 2003), o que acaba por agir como empecilho para manifestações positivas e adaptativas que podem vir a contribuir para o bem-estar. Ulrich (1984) argumenta que as pessoas possuem tendências, definidas pela

evolução biológica, para reagir de forma positiva, instintiva e natural, a ambientes naturais interpretando-os como favoráveis a restauração, sendo um processo de preservação natural e manutenção de suas condições ideais para vivência. Assim, constata que diante de uma situação estressora, faz-se necessário o contato com elementos naturais que possam vir a promover a sensação de bem-estar.

Silva e Silva (2019), por exemplo, discutem sobre a importância da Arquitetura, a organização do espaço e os mobiliários em ambientes escolares e sua influência na educação infantil, tendo os estudos pessoa-ambiente na Psicologia Ambiental para pensar práticas que modifiquem o espaço escolar promovendo maior interação criança-criança e, portanto, um melhor desenvolvimento. Elali (2003) argumenta como o contato com o ambiente natural para crianças é importante para seu desenvolvimento, refletindo sobre a importância de lugares que favoreçam a formação de identidade pessoal, aptidões e competências individuais, e trazendo indicações de como ambiente escolar pode ajudar a promovê-las. Em sentido semelhante, buscaremos compreender em nossa pesquisa atual como os ambientes restauradores podem atender a requisitos semelhantes para a promoção de bem-estar psíquico ou o dirimir o sofrimento psíquico seja em estudantes, seja em professores/as.

Considerações

Este artigo teve como objetivo explorar primeiramente a relação entre Psicologia Ambiental e Arquitetura, discorrendo sobre como diferentes teorias e conceitos podem contribuir para essa discussão – e aqui elegemos aqueles que podem melhor nos ajudar a alcançar o objetivo por nós proposto: refletir sobre como os ambientes construídos influenciam nossa subjetividade a partir da relação pessoa-ambiente, tomando os ambientes restauradores como exemplo.

Elegemos esse conceito pois, após questionários iniciais com estudantes do 6º ao 9º ano realizado no mês de novembro de 2022 na Escola em questão, nos foi sinalizado como o retorno ao ambiente escolar e a socialização secundária (BERGER e LUCKMANN, 1990) promovida por ela é importante para o desenvolvimento psíquico e os processos de ensino-aprendizagem, que ficaram bastante comprometidas em razão do isolamento e a falta de aulas presenciais entre os meses de março de 2020 e julho de 2021 – como citado em dados recentes

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo, v. 17, n. 2 (2023). ISSN: 1517-7602

sobre a precariedade do ensino em escolas públicas durante esse período (NERI e OSÓRIO, 2022).

Tomaremos como premissa, não necessariamente discordando dos argumentos apresentados sobre uma “tendência evolutiva” para reagir positivamente diante de ambientes naturais, ou a importância da existência desses ambientes para situações de estresse, que os/as estudantes e professores/as podem não ter essa necessidade sentida, apesar de percebida como necessária¹². Para tal, almejamos analisar, utilizando entrevistas semiestruturadas e grupos focais com estudantes e professores/as, se os/as mesmos/as percebem a ausência ou presença de ambientes restauradores na escola que servirá como estudo de caso.

A partir disso, o próximo passo será analisar como a Arquitetura Escolar pode contribuir para a construção de ambientes restauradores que possam promover bem-estar psíquico e, portanto, a) facilitar o desenvolvimento psíquico no que tange o papel da escola nesse processo, e b) compreender se os/as docentes relatam a importância da ausência/presença desses espaços em suas práticas cotidianas. Reforçamos que estamos interessados primeiramente em como docentes e discentes produzem sentido e argumentam (BILLIG, 2008; EDWARDS, 2004; SPINK e MEDRADO, 2004; POTTER e WETHERELL, 1987) sobre a presença/ausência de ambientes na escola que estariam de acordo com as premissas das teorias citadas acima como cumprindo a função de ambientes restauradores, para posteriormente pensar em uma proposta de intervenção a partir da cultura e necessidades daqueles/as que cotidianamente estão naquela Escola.

¹² Para os fins desse artigo definiremos, de maneira resumida, que necessidades percebidas são aquelas que consigo pensar sobre, mas que não mobiliza uma ação por muitas vezes acabar sendo naturalizada (ex.: “acho que faltam ambientes legais pra gente estudante, mas escola é assim mesmo”), enquanto as necessidades sentidas são aquelas que são conscientizadas, ou seja, são percebidas cognitivamente e afetivamente e me mobilizam para a ação (ex.: “precisamos fazer algo para que haja ambientes naturais na escola, pois isso é importante”). Baseamos nossas reflexões nesse sentido na discussão sobre análise de necessidades em processos iniciais para a intervenção comunitária conforme pensado por Maritza Montero (2004).

Referências

- BILLIG, M. **Argumentando e Pensando**: uma abordagem retórica à Psicologia Social. São Paulo: Vozes, 2008.
- BERGER, P. LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis Rio de Janeiro: Vozes, 1990.
- BOTTON, A. D. **Arquitetura da Felicidade**. São Paulo: Editora Rocco, 2006.
- COOPER, Clare. House as the Symbol of Self. Em: Lang, Jon T. et al (ed.) **Designing for human behavior**: architecture and the behavioral sciences. Pennsylvania: Downden, Huchinson & Ross, 1974.
- COSSERMELLI, Anna Paola. A casa como símbolo do self. **Revista PÓS**, n. 7, set/99, pp. 06-15
- ELALI, G. A. Psicologia e Arquitetura: em busca de um locus interdisciplinar. **Estudos de Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 349-362, 1997.
- EDWARDS, D. Psicologia Discursiva: teoria da ligação e método com um exemplo. In: INIGUES, L. (Org.) Manual de análise do discurso. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 181-205
- FELIPPE, M. L. Ambiente pessoal: o papel da personalização na construção de espaços saudáveis. In: ARIANE KUHNEN, R. M. C. E. T. **Interações Pessoa-Ambiente e Saúde**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p. 117-136.
- GOFFMAN, E. **Behavior in Public Spaces**: Notes on the Social Organization of Gatherings. New York: The Free Press, 1966.
- GOFFMAN, E. **Relations in Public**: Microstudies of the Public Order. New York: Basic Books Inc. Publishers, 1971.
- GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009[1985].
- GUZZO, R. S. L.; SOUZA, V. L. T. . & FERREIRA, Á. L. M. C. M. A pandemia na vida cotidiana: reflexões sobre os impactos sociais e psicológicos à luz da perspectiva crítica. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 39, n. e210100, 2022.
- HILLMAN, J. **Cidade e Alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- JAMES, W. **The Principles of Psychology**. Chicago : Enciclopedia Britannica, v. 1, 1952[1890].
- JOSÉ Q. PINHEIRO, H. G. R. S. L. G. Psicologia Ambiental: área emergente ou referencial para um futuro sustentável? In: JOSÉ Q. PINHEIRO, H. G. R. S. L. G. **Psicologia Ambiental**: Entendendo as relações do homem no seu ambiente. Campinas-SP: Editora Alínea, 2006. p. 7-14.

KAPLAN, R., & KAPLAN, S. **The experience of nature: a psychological perspective**. Nova Iorque: Cambridge University, 1984.

LEITÃO, Lúcia. *Dora, uma arquitetura para sonhar*. Arq.Urb, (USJ SP) v. 8, p. 8-14, 2012.

LEWIN, K. **Princípios de Psicologia topológica**. São Paulo: Cultrix, 1973.

LIMA, E. M. F. D. A.; YASUI, S. Territórios e sentidos: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 102, p. 593-606, jul-set 2014.

BATISTA, Aline Eliziane Ribeiro. A arquitetura e a educação infantil: projeto escolar com base na avaliação do ambiente construído. Monografia (Graduação) - Universidade Federal Rural do Semi-árido, Curso de Arquitetura e Urbanismo, 2022.

MELO, Dlainy Kezia Sá Barreto de. O ambiente escolar é pensado para promover experiência estética, acolhimento e o despertar do pertencimento no aluno? TCC (licenciatura) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências, Letras e Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Natal, 2019

MONTERO, M. Introducción a la Psicología Comunitaria: Desarrollo, conceptos y procesos. Buenos Aires: Paidós, 2004.

RAYMUNDO, L. S.; KUHNNEN, A.. Ambiente e desenvolvimento psicológico: a importância dos espaços físicos abertos nas escolas infantis. In: KUHNNEN, A.; CRUZ, R. M.; TAKASE, E. (org). **Interações Pessoa-Ambiente e Saúde**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p. 137-166.

FELIPPE, M. L.; SILVEIRA. B. D. S. Diálogos entre a Psicologia Ambiental e a Arquitetura para o Cuidado da Saúde. In: SILVEIRA, B. B.; FELIPPE, M. L. F. **Ambientes Restauradores: Conceitos e Pesquisas em Contextos de Saúde**. Florianópolis: UFSC, 2019. p. 23-37.

MARINHO-ARAÚJO, C. M.; G. P. . N. L. A. C. B. . & N. L. V. Psicologia Escolar no cenário da pandemia do COVID-19: ressignificando tempos e espaços para a atuação institucional. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 39, n. e210079, 2022.

MONTEIRO, M. Consciousness raising, conversion, and de-ideologization in community psychosocial work. **Journal of community psychology**, v. 22, p. 3-11, 1994.

MOSER, G. Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia**, v. 3, n. 1, p. 121-130, 1998.

MOSER, G. Psicologia Ambiental e Estudos Pessoa-Ambiente: que tipo de colaboração multidisciplinar? **Psicologia USP**, v. 16, n. 1/2, p. 131-140, 2005.

NEGREIROS, F.; FERREIRA, B. D. O. **Onde está a Psicologia Escolar no meio da Pandemia?** São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

NERI, M.; OSÓRIO, M. C. **Retorno para a Escola, Jornada e Pandemia**. FGV Social. Rio de Janeiro, p. 47. 2022.

ORNSTEIN, S. W. Arquitetura, Urbanismo e Psicologia Ambiental: Uma Reflexão Sobre Dilemas e Possibilidades da Atuação Integrada. **Psicologia USP**, v. 16, n. 1/2, p. 155-165, 2005.

GÜNTHER, H., PINHEIRO, J. Q. & GUZZO, R. S. Psicologia Ambiental: Entendendo as relações do homem com seu ambiente. Campinas: Alínea, 2004.

POTTER, J.; WETHERELL, M. **Discourse and social psychology**. Londres: SAGE, 1997.

PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE. Portal da Educação. **Portal da Educação**, 2021. Disponível em: <<http://www.portaldaeducacao.recife.pe.gov.br/groups/prefeitura-do-recife-anuncia-o-plano-de-retomada-das-aulas-presenciais-na-rede-municipal>>. Acesso em: 23 fev. 2023.

PROSHANSKY, H. M., FABIAN, A. K., & KAMINOFF, R. *Place identity: Physical world socialization of the self*. **Journal of Environmental Psychology**, n. 3, 1983, p. 57-83.

SANT'ANA, I. M.; WEBER, M. A. L. & MEZZALIRA, A. S. C. Desafios emergentes da formação inicial em Psicologia Escolar durante a pandemia. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 39, n. e210073, 2022.

SILVA, C. R. D.; SILVA, V. B. D. Um estudo sobre a arquitetura e as mobílias na Educação Infantil. **Itinerarius Reflectionis**, v. 15, n. 2, p. 1-19, 2019. ISSN 1807-1942.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: Vida e Obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981

SOARES, L. A. Das Unheimlich ou "O Estranho" de Freud. **Revista Abusões**, v. 10, n. 10, p. 9-39, 2019.

SPINK, M. J.; MEDRADO, B. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teóricometodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção dos sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ULRICH, R. S. View through a window may influence recovery from surgery. **Science**, n. 224, v. 4647, 1984, pp. 420-421

ULRICH, R. S., SIMONS, R. F., LOSITO, B. D., FIORITOM, E., MILES, M. A., & ZELSON, M. Stress recovery during exposure to natural and urban environments. **Journal of Environmental Psychology**, v. 11, n. 3, 1992, pp. 201–230. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272494405801847>. Acesso em 12 abr. 2023.

ZONIS, S. **Arquitetura no Divã: A Quarta Dimensão do Espaço**. São Paulo: Editora Olhares, 2019.